

O Voto e a Ética

A declaração do candidato do PT à eleição presidencial vai obrigar o partido a fazer, finalmente, a opção sempre adiada, ainda que ao preço de uma cisão que não é expediente de luta interna. Qual a verdadeira e definitiva identidade política e ideológica do PT? Luiz Inácio da Silva emerge com palavras que, uma vez pronunciadas, caminham com autonomia: afirma que só se mantém candidato se for preservada a suposta unidade das oposições. Ou seja, se o PT do Rio voltar atrás da decisão de concorrer ao governo do estado com candidato próprio.

Fica explícito que o declarante se situa como centro de gravidade da constelação de candidaturas que querem girar em torno do PT. Portanto, o sacrifício de modificar a decisão de ter candidato próprio no Estado do Rio fica para o PT local. E aí é que se arma de forma excludente a solução: ou o grupo Refazendo desfaz a candidatura própria ao Guanabara ou fica responsável pela desistência de Lula, em sua terceira arremetida presidencial. Parece não haver dúvida sobre a preferência pela primeira hipótese.

Torna-se difícil acreditar que, depois de tantos anos, a tendência finalmente vencedora no

Rio, depois de reprimida várias vezes, aceite depor as armas e os votos. Também não é fácil acreditar que a candidatura Lula, cujo lastro foi o desânimo até há pouco, possa ser desativada por vontade pessoal dele exatamente quando se declara tão convencido das suas possibilidades. O PT do Rio tem antecedentes de convicção e de intransigência em relação ao ponto de vista de que deve correr os riscos para merecer com exclusividade a confiança dos eleitores. Pela primeira vez prevaleceu a tese e não será fácil inverter o resultado sem violar a democracia interna no partido.

O dado agravante foi a referência do próprio Luiz Inácio a que “a reunião do diretório nacional vai decidir” em sentido contrário ao diretório regional. A questão está posta sob a forma de antagonismo que não parece caber na embalagem retórica: ou ele, como candidato no centro de muitas alianças estaduais, ou nada. O próprio Lula declarou na entrevista à Rádio Guaíba (Porto Alegre) que “política não é só o voto, é também ética”. O voto serve a qualquer deles mas a ética terá de escolher entre a intervenção e a autonomia com maioria. Com a palavra os divergentes, até que a maioria tome a decisão ou assuma as consequências.